

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Carolina Araújo da Rosa

**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO
DO TRABALHO**

Porto Alegre

2012/1

Carolina Araújo da Rosa

**A FORMAÇÃO DE EDUCADORES SOCIAIS E SUAS RELAÇÕES COM O MUNDO
DO TRABALHO**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório da obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Laura Souza Fonseca

Porto Alegre

1º semestre

2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Edison e Ana, que sempre estiveram ao meu lado durante minha trajetória e formação, pelo carinho, compreensão e amor incondicional.

...aos meus amigos pelo companheirismo e pelo apoio durante toda a graduação.

...aos amigos e colegas do curso de Pedagogia com quem compartilhei muitas experiências.

...ao meu namorado Werner pela presença sempre espirituosa e amorosa nos momentos de alegria e aflições nesta caminhada.

...á minha orientadora, professora Laura Fonseca, e ao grupo de pesquisa GTFH pelas contribuições para minha formação política e social que me ajudaram a acreditar na luta e possibilidade de uma educação pública e de qualidade.

Dos nossos medos nascem as nossas coragens,
e em nossas dúvidas, vivem as nossas certezas.

Os sonhos anunciam outra realidade possível,
e os delírios outra razão.

Nos descaminhos esperam-nos surpresas,
porque é preciso perder-se
para voltar a encontrar-se.

Eduardo Galeano

Resumo: A Educação Social no Brasil têm, ao longo da história, sofrido com a falta de interesse do Estado que se manifesta na falência de políticas públicas pela escassez de recurso público investido. A partir do entendimento destas políticas sociais como direito e da constatação da realidade encontrada em formas precárias do trabalho dos profissionais, que frequentaram o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade – FACED/UFRGS, decidi pesquisar como foi o processo de formação destes trabalhadores-cursistas e suas relações com o mundo do trabalho. Para isso, realizo um estudo de caso a partir da análise dos memoriais descritivos dos trabalhadores selecionados para o curso (2011-2012). Num segundo momento, analiso o diário de campo da disciplina “EJA e o Mundo do Trabalho” e, ainda, os relatos apresentados a partir de suas práticas. A turma é formada por professores da rede pública e gestores de escola vinculados à EJA; educadores sociais, monitores da FASE e do sistema prisional – nosso recorte focou os trabalhadores da educação social. A carga horária de trabalho destes varia entre 20h, 40h e 60h semanais, majoritariamente sem vínculo e/ou direito trabalhista assegurado. De acordo com a análise, a maioria já atuava como educador social antes mesmo da formação superior, não possui estabilidade, licenças de cunho pessoal e para formação continuada e em serviço, reposição salarial permanente, reajuste salarial associado a tempo de serviço e crescimento na formação profissional o que nos indica uma situação precária de trabalho. O curso é uma oportunidade de formação continuada para esses educadores que buscam compreender e melhor lidar com as dificuldades encontradas em suas práticas.

Palavras-chave: educação social; trabalho; formação

Sumário

1. INTRODUÇÃO	6
2. SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO SOCIAL	8
3. METODOLOGIA	11
4. SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	14
4.1 Profissão de Educador:	17
4.2 Educação Social:	17
4.3 Formação específica e/ou continuada:	18
4.4 Educador Social	19
4.5 O desejo de ingressar no curso de Especialização de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade – FACED/UFRGS:	22
5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	24
6 CONSIDERAÇÕES	27
7 REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, articula e reflete sobre concepções de trabalho e formação dos trabalhadores da área de Educação Social, matriculados na segunda edição do curso de Especialização de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade. Curso de pós-graduação *lato sensu* realizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em EJA (NIEPE-EJA) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A investigação toma como empírico os memoriais descritivos para ingresso no curso e os relatos das aulas de “EJA e o mundo do trabalho”.

A escolha deste tema se deu a partir de minha experiência como monitora da segunda turma do curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade – FACED/UFRGS – no ano de 2011. O curso, financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão/Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/Ministério da Educação (SECADI/FNDE/MEC) e, por isso, gratuito para os cursistas, foi voltado a trabalhadores da educação vinculados às Secretarias de Educação e Assistência Social de Municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre, bem como das Secretarias Estaduais de Educação, Justiça e Desenvolvimento Social e Segurança, e privilegiava àquelas professoras, educadoras sociais e monitoras¹. A carga horária total do curso foi de 390h/a, sendo 330 h/a de seminários e 60h/a para a escrita da monografia. Os seminários, distribuídos ao longo de três semestres, com média de 60h/a cada.

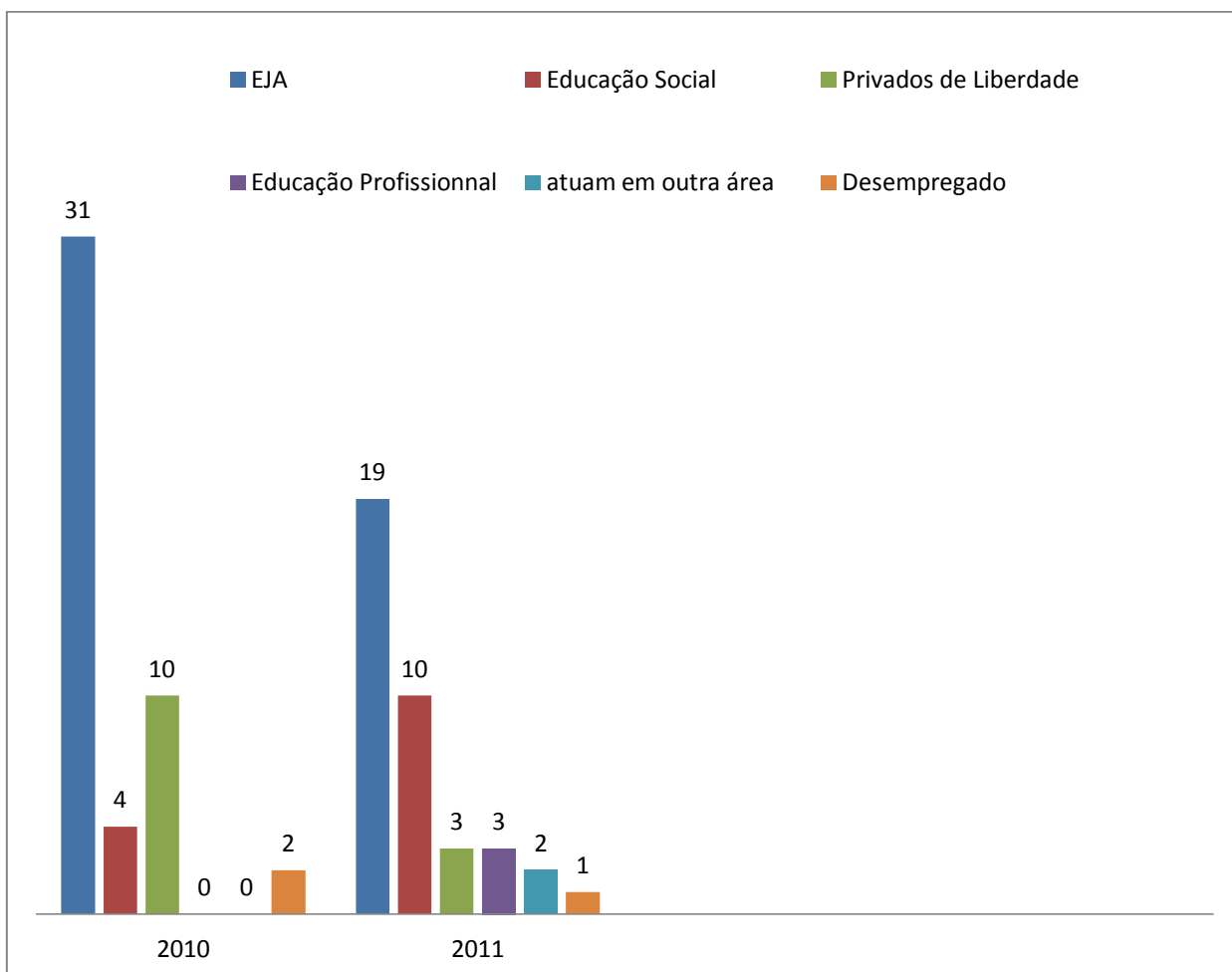
A segunda turma, da qual fui monitora, de acordo com pesquisa feita em sala de aula, era composta por 38 cursistas, 19 atuavam na EJA; 10 na Educação Social; 3 na Educação Profissional; 3 na Educação de Privados de Liberdade; 2, apesar da formação em licenciatura e experiência em EJA, trabalhavam como auxiliar administrativo, um em empresa pública e o outro em privada; e 1 desempregado. Vale ressaltar aqui que, no momento das inscrições para o curso, a atuação na área (educação social, EJA e/ou privados de liberdade) constituía critério para a seleção; concluindo-se que, houve alteração na relação de emprego dos cursistas, após o processo seletivo.

O interesse no enfoque da Educação Social se deu, em parte, a partir da constatação do grande número de Educadores Sociais que ingressaram nesta segunda turma, em

¹ Tendo em vista que a maioria das cursistas é formada de mulheres, faço a opção pelo uso do feminino na escrita.

comparação à turma de 2010 que, majoritariamente, era formada por professores da EJA.

A seguir segue um gráfico acerca da área de atuação dos trabalhadores-cursistas da primeira (2010) turma em comparação com a segunda (2011):



Num segundo momento, a partir dos relatos das cursistas registrados no diário de classe da disciplina “EJA e o mundo do trabalho”, ministrada durante o primeiro semestre do curso pela Professora Laura Souza Fonseca, surgiu também o interesse em pesquisar a situação de trabalho e formação desses sujeitos. Educadores Sociais, cuja carga horária de trabalho, variava de 20h a 60 h semanais, e, majoritariamente, sem vínculo e/ou direito trabalhista assegurado; outra característica do trabalho destas educadoras, com repercussão na formação, era a rotatividade.

2. SITUAÇÃO DA EDUCAÇÃO SOCIAL

A fim de compreender melhor a conjuntura na qual a Educação social se encontra, pretendo neste capítulo situar historicamente a origem do termo e suas implicações na pesquisa realizada com um grupo de educadores sociais, cursistas da segunda turma do Curso de Especialização em Jovens e Adultos e Privados de Liberdade – FACED/UFRGS.

A educação social tem princípio no processo de reconstrução pós-guerra na Europa, quando uma educação diferente se afirmou como necessidade para integrar socialmente jovens órfãos de guerra. Neste contexto a proposta de uma educação social configurou-se como diferente da que era oferecida pela escola regular, tendo como público-alvo crianças e adolescentes.

Na década de 1990, a educação social na França e na Espanha passa a focalizar crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social, tendo em vista a massificação do desemprego que resultava na desagregação familiar e na violência social (RIBEIRO, 2006).

Na América Latina, situo aqui historicamente o surgimento da educação social no Uruguai a fim de possibilitar uma melhor compreensão do contexto brasileiro em que está inserida a educação social à qual estaremos tratando no texto.

De acordo com Ribeiro (2006), no Uruguai, a educação social começa a se estruturar em 1985 dentro do processo de redemocratização do país, que se encontrava, como o Brasil, num regime de ditadura. Resultante da organização de um coletivo de educadores preocupados com a situação de crianças e jovens vivendo nas ruas e para os quais a escola já não faz mais sentido. Esses educadores pensam numa educação para além dos conteúdos transmitidos pela escola e como um espaço educativo qualificado de vida para crianças e adolescentes colocados socialmente em situação de risco.

Nesta perspectiva é exigida, ao profissional dessa área, o Educador Social, formação em nível superior, porém mais ampla e diferenciada da que é oferecida aos professores que irão trabalhar no ensino regular:

Não se trata de preparar um professor para aplicar um currículo dentro de uma instituição social nem de perceber os jovens como quem deve adaptar-se a esse currículo e à educação escolar. O educador social subverte esta lógica. Não se trata, também, de uma educação vazia de conteúdos, porém estes não são os transmitidos pela escola e sim os deliberados coletivamente pelos educadores sociais, a partir de questões e necessidades dos educandos na qualidade de sujeitos sociais. (RIBEIRO, p.162, 2006)

No Brasil de acordo com Oliveira e Haddad (2001), associações civis sem fins lucrativos provenientes de universidades, partidos políticos, igreja, realizavam um trabalho social junto às comunidades menos favorecidas desde os anos 1960 e 1970. Porém, somente nos anos 1980 e 1990, sob a alegação do esgotamento do Estado de Bem-Estar Social, na esteira da crise do petróleo (1973) e da reestruturação produtiva, forças sociais conservadoras ganham novo fôlego para impor uma gestão do Estado fundada na lógica de mercado (neoliberalismo). Como premissa, constitui-se um movimento dos governos para ‘devolver’ a responsabilidade sobre a formação do cidadão para a sociedade civil e a família (RIBEIRO, 2006). Logo, o governo, ao invés de atender às demandas sociais emergentes como direitos sociais da Constituição Cidadã, estimula iniciativas de parcerias com diversas instituições da sociedade civil, transferindo para elas parte de sua responsabilidade. Enquanto as instituições assumem o papel de agências executoras de diversos projetos de ações educativas junto à sociedade, ao Estado cabe o repasse integral ou parcial do recurso, atuando assim, como uma instância provedora (CARVALHO; CARVALHO, 2006).

De acordo com o CFESS², o Brasil tem hoje aproximadamente 110.000 profissionais que atuam, predominantemente, na formulação, planejamento e execução de políticas públicas como educação, saúde, previdência, assistência social, habitação, transporte, entre outras, movidos/as pela perspectiva de defesa e ampliação dos direitos da população brasileira. Trabalham também na esfera privada, principalmente, no âmbito do repasse de serviços, benefícios e na organização de atividades vinculadas à produção material, e atuam em processos de organização e formação política de segmentos da classe trabalhadora.

Enquanto no Uruguai o educador social tem reconhecimento profissional, a partir do momento em que para atuar na área se faz necessária a formação específica, no Brasil o quadro é diferente. Como as políticas sociais, majoritariamente estão sob gestão privada, o trabalhador dessa área executa políticas para o público, ingressa sem concurso e formação

² Conselho Federal de Assistência Social

básica definida, não possui plano de carreira e salários, e demais direitos conquistados nas lutas da categoria de servidores públicos.

3. METODOLOGIA

Por acreditar que nenhuma pesquisa é totalmente controlável e previsível e, portanto, sempre está presente a subjetividade do autor e dos atores pesquisados, considero esta de caráter fundamentalmente qualitativo, ainda que elementos de natureza quantitativa sejam elencados. De acordo com Gondenberg (2007), na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma instituição, de uma organização, de uma trajetória etc. Assim, entendo que a pesquisa qualitativa visa a compreensão interpretativa de experiências, singularidades e subjetividades dos sujeitos pesquisados dentro do contexto em que vivem, buscando compreender as motivações, valores, crenças e sentimentos humanos e resultados (não permanentes) da pesquisa. Ainda nessa mesma linha, Minayo (1993) afirma que a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes:

Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida partilhada com seus semelhantes. O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 1993, P.21).

Segundo Gondenberg (2007), na pesquisa qualitativa, o pesquisador busca compreender a vida do indivíduo em que sociedade vive e, para isso, questiona os limites de sua capacidade de conhecer o grupo estudado e expõe em seu texto, suas dúvidas, perplexidades e os caminhos que levaram a sua interpretação, percebida sempre como parcial e provisória.

Como grupo de trabalho, “Trabalho e Formação Humana” (GTFH)³, investimos na ideia de que importa compor os dados recolhidos por diferentes instrumentos de pesquisa por meio de uma metodologia articuladora que, neste caso, toma a forma de um estudo de caso, segundo Ponte (1994),

³ Formado por estudantes de graduação e pós-graduação, orientandas/os da professora Laura Souza Fonseca, que, embora tenham inserções específicas em monitoria de ensino, extensão e/ou pesquisa, como coletivo forjamos a indissociabilidade na produção do conhecimento.

caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um curso, uma disciplina, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e a sua identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir a que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global do fenômeno de interesse. (PONTE, 1994, p. 2)

De acordo com Yin (2001), o estudo de caso representa a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”; o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos; e o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. O autor ainda afirma que a necessidade pelo estudo de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos. Ou seja, o estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características significativas dos eventos da vida real.

Dialogando com Yin, Mazotti afirma que:

Ao definir o objeto do estudo de caso como um fenômeno contemporâneo, o autor procura distingui-lo dos estudos históricos, nos quais a evolução temporal é o foco de interesse, o que não significa que nos estudos de caso não se recorra a fatos passados para compreender o presente. (MAZOTTI, 2006, p.643)

Durante a pesquisa tomei como empírico, num primeiro momento, a escrita anterior ao ingresso dos educadores sociais no curso, os memoriais descritivos, onde as educadoras narravam sua trajetória profissional a fim de conseguirem a vaga no curso de Especialização em Jovens e Adultos e Privados de Liberdade. Sobre os memoriais, Cunha (1997) afirma que podem ser excelentes materiais de pesquisa – são usuais os relatos escritos e, sua análise, mostra conhecimento sobre si mesmo construído na relação consigo e com os outros. Neste sentido acredito que seja de suma relevância para a pesquisa ter acesso as narrativas dos sujeitos pesquisados a fim de compreender e refletir sobre as relações e as vivências profissionais desses. Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.

Num segundo momento analisei o diário de classe construído na disciplina “EJA e o mundo do trabalho”, ministrada pela professora Laura Fonseca no primeiro semestre do curso. Como técnica metodológica de pesquisa, considero que esta se caracteriza como análise de diário de campo. Com relação a estas anotações de campo, Triviños (1987) ressalta que vários

autores têm desenvolvido ideias em torno do conceito e de outros aspectos desta técnica metodológica. De acordo com o autor, todas as definições ressaltam que as anotações de campo consistem fundamentalmente na descrição por escrito de todas as manifestações (verbais, ações, atitudes, etc.) que o pesquisador observa nos sujeitos que participaram da pesquisa. Além disso, as anotações de campo devem registrar as reflexões do investigador que surjam em face da observação dos fenômenos. Cabe ressaltar que as anotações foram feitas inicialmente com o objetivo de relatar as aulas, sem ainda um objetivo de pesquisa definido.

A partir das referências citadas, tendo como instrumentos a análise dos memoriais e o diário de classe do seminário “EJA e o Mundo do Trabalho”, tomado como diário de campo, ou seja, de cuja leitura de retorno foram extraídas anotações pertinentes à **relação trabalho e formação das cursistas trabalhadoras da educação social** – que se constitui na particularidade e, pelo diálogo com o campo da Assistência Social, passível de generalização.

4. SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

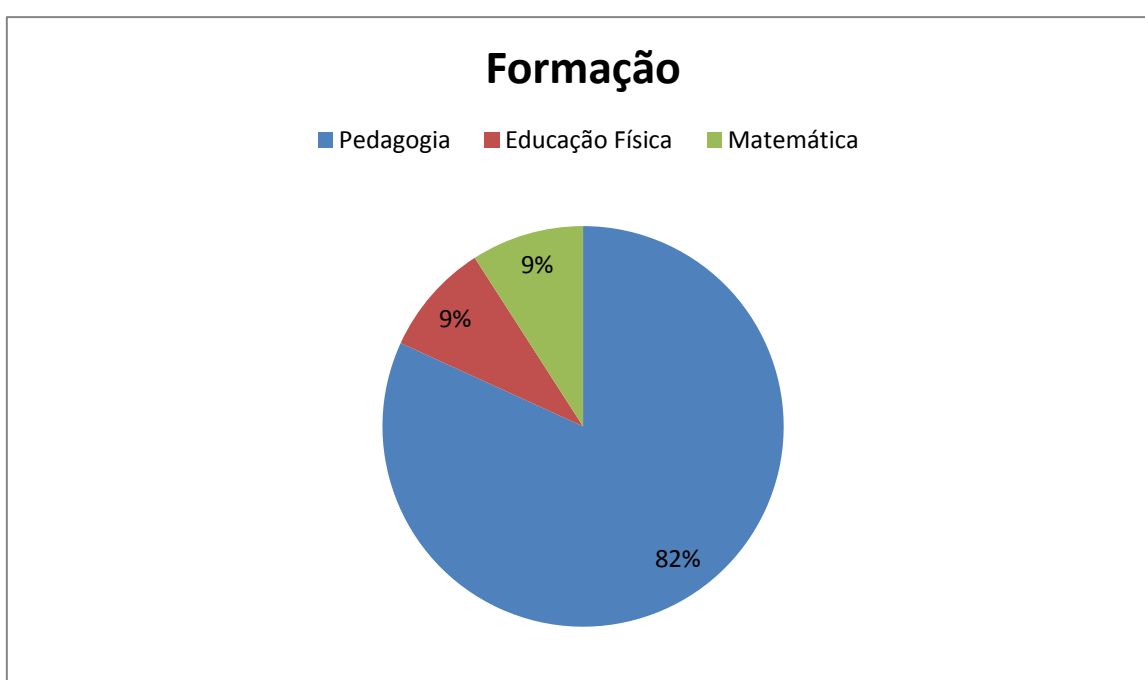
A investigação foi desenvolvida a partir da leitura e análise de onze memoriais descritivos, escritos por trabalhadoras da área da Educação Social para o processo seletivo de ingresso na segunda turma do curso de Especialização de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade – FACED/UFRGS do ano de 2011. Tive acesso a estes documentos a partir de minha condição de monitora da turma no ano de 2011, já inserida na turma, e após acordo do grupo com a investigação. Também desenvolvi a investigação embasada nas anotações do diário de classe da disciplina EJA e o Mundo do Trabalho, ministrada no primeiro semestre do curso pela professora Laura Fonseca. A partir da monitoria decidi, com a orientação da professora Laura, pesquisar a cerca das concepções de formação destas trabalhadoras-cursistas e suas relações com o mundo do trabalho; buscando embasar minhas ideias em suas narrativas anteriores ao curso (memoriais descritivos) e no decorrer do curso de especialização (diário de classe da disciplina “EJA e o Mundo do Trabalho”, apropriado como diário de campo).

Enumerei os memoriais descritivos na medida em que ia lendo e recortando, nas narrativas das trabalhadoras-cursistas, o que me parecia de maior relevância para a pesquisa, tentando sempre contemplar as concepções sobre formação e trabalho. Num primeiro momento sistematizei a situação de trabalho, a formação e a carga horário dessas educadoras sociais:

	Formação	Trabalho	Carga horária/semanal
1	Educação Física	contrato	40h
2	Pedagogia – orientação escolar	contrato voluntária	30h 20h
3	Pedagogia - Licenciatura	contrato	40h
4	Pedagogia – orientação escolar	servidor público	40h
5	Pedagogia – ênfase em Educação Popular	contrato contrato	30h 30h
6	Matemática	contrato	40h
7	Pedagogia	contrato	40h
8	Pedagogia	contrato	40h
9	Pedagogia – ênfase em Educação Popular	contrato	30h 20h
10	Pedagogia – ênfase em Educação Popular	contrato	40h

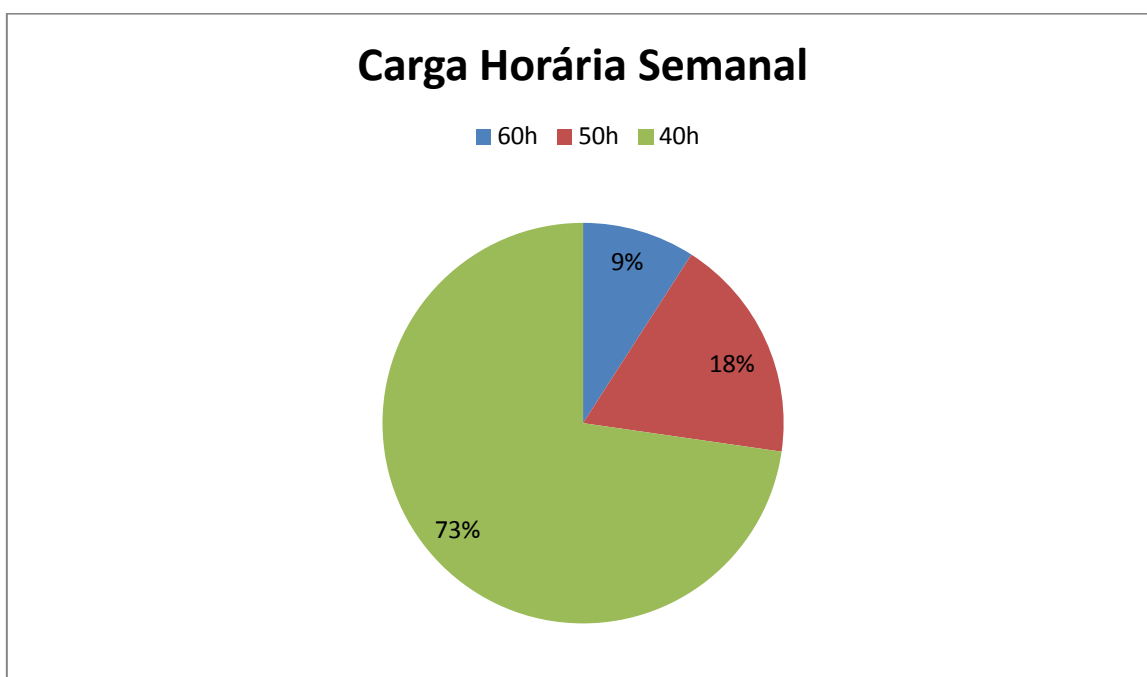
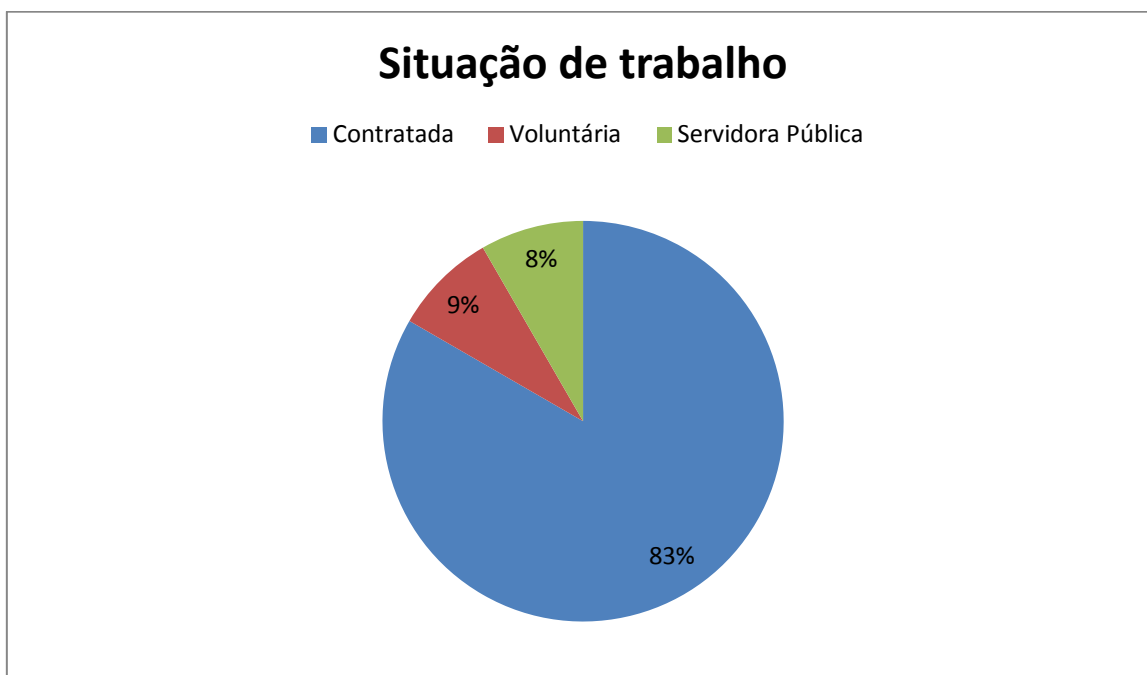
11	Pedagogia – ênfase em Educação Popular ⁴	contrato	40h
----	---	----------	-----

Os gráficos a seguir ajudam a visualizar os dados sistematizados na tabela:



⁴ Grande parte destas educadoras são graduadas no curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular, oferecido no ano de 2006 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em parceria com o Conselho Municipal de Educação, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e a Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre. O curso era voltado para a qualificação de professores que já trabalhassem com educação popular e comprovassem atuação em entidades com registro no CMDCA, ou no CMAS, ou no Fórum de Entidades do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, ou na AEPPA, ou em entidade equivalente.

⁵ Incluem-se em Pedagogia as ênfases em Educação Popular, Orientação e Licenciatura.



⁶ Uma das trabalhadoras-cursistas está referenciada em duas categorias: contratada e voluntária

Num segundo momento, recortei as narrativas de suas histórias do memorial descritivo e separei em algumas categorias as concepções relevantes à pesquisa. Transcrevo aqui exemplos de concepções em cada uma das categorias.

4.1 Profissão de Educador:

Escolhi estudar nesta área, pois é uma mania que me persegue a de ficar procurando respostas para as perguntas. (1)

Sendo minha formação o direcionamento enquanto desejo profissional, e muito desejo de aprender, conhecer e trabalhar para educar...(4)

Minha escolha de ser educadora está fortemente ligada às impossibilidades da vida... Pra mim viver é um constante acontecer... foram justamente os não's que me disseram e que ouvi dizerem às pessoas que convivi em minha vida que me deram a coragem e a ousadia necessárias para ser educadora. E foi neste paradoxo entre o que me disseram e o que escolhi que nasceu o gosto, o prazer pelas gentes... (8)

4.2 Educação Social:

Nos quatro anos de graduação, tive um acúmulo de conhecimentos muito grande, mas aquilo não me trazia um sentimento de realização por completo, pois parecia algo mecânico e em meus pensamentos eu queria um algo mais, uma educação transformadora, tanto de o sentimento de um professor que pudesse aplicar novas didáticas, ou seja, “transformador” e mostrar que poderia ser diferente. (1)

(...) nunca achei que o sistema de educação estivesse correto... quanto mais inovador, mais chances teremos de mudar o amanhã e enquanto meros espectadores acomodados o que acontece? O sistema nos engole e ficamos tentando sem sair do lugar. (1)

Descobri uma maneira diferente de olhar a sociedade, o que facilitou a compreensão dos seus porquês. (9)

(...) (trabalhando como educadora social) tive a oportunidade de estabelecer uma relação de respeito, reconhecimento e compreensão com as comunidades que trabalhei, tais projetos se desenvolveram pela necessidade ética, rigorosidade metódica, amorosidade e um vasto processo de aprender a cada momento de minha práxis, onde tive contato com a violência, os movimentos e normas que a comunidade desenvolve em sua defesa, assim como as habilidades para a sobrevivência e superação da fragilidade social...(10)

4.3 Formação específica e/ou continuada:

As aulas (do curso de extensão de jovens e adultos – FACED/UFRGS) só reforçaram em mim a vontade de estudar, nos textos que trabalhamos pude perceber que a educação seja formal ou informal, é sempre um tema que desperta curiosidade, revolta e desejo de saber mais para poder, ou melhor, tentar, mudar o modelo educacional que temos hoje.(2)

(...) só tenho o curso de pedagogia, não tive condições de fazer cursos na área ou de me especializar e saber o que mudou, e às vezes realmente o que eu sei não vale nada... (2)

(as leituras no curso de extensão de jovens e adultos – FACED/UFRGS) me ajudaram a entender melhor o posicionamento da diretoria dos locais onde trabalho. (2)

Minha formação acadêmica ajudou-me a compreender a dinâmica de trabalhar em um espaço fechado, no caso em um abrigo, e posteriormente, a entender a complexidade da rua, sendo que nestes dois eixos os adolescentes estão com seus direitos violados. (3)

Compreendo que o problema crucial está do lado do educador, inabilitado formal e politicamente para exercer sua função, não por sua culpa, mas por ser vítima de um processo adestrador e defasado e apenas reprodutivo, por isso a importância da formação permanente. (3)

Minha atuação (como educadora social) exige constante readaptação, assim busco participação em cursos, seminários e formações oferecidas pela rede, instituições e outros municípios... (4) (concurada)

Procuro constantemente capacitar-me para auxiliar na minha prática profissional, para tanto este curso apresenta-me a possibilidade de conhecer teoria e prática profissional, mas que sinto falta da formação específica na área, muito importante para a realização de um trabalho pleno. (4)

Nesta época (ao começar o trabalho como educadora social) vivi um grande conflito interno, pois sentia que não estava preparada para oferecer àquelas mulheres o atendimento qualificado que elas mereciam. (9)

(...) ao trabalhar na educação social antes da formação, senti uma forte indignação diante das desigualdades do nosso país, o que me fortaleceu para buscar alternativas que possam fazer a vida dos menos favorecidos um pouco melhor. (9)

Ao ingressar na universidade tive certeza que estava trilhando o caminho certo. Encontrei na profissão a realização profissional e pessoal. Fui identificando-me com o trabalho e acreditando no poder de transformação que a educação exerce na vida dos sujeitos. (9)

Minha missão como educadora social não se contenta com intervenções paliativas, e uma qualificação constante é essencial para que as ações sejam realmente efetivas na vida das pessoas que estão sob minha responsabilidade. (9)

Na fase de formação acadêmica na universidade logo me senti provocada a teorizar minha visão sobre o mundo... (10)

Ao ingressar na universidade outro mundo me foi apresentado... Compartilhei de experiências, medos, frustrações, descobertas, alegrias e muitas dúvidas filosóficas... (11)

4.4 Educador Social

O meu trabalho muitas vezes me coloca em conflito entre a educação e a assistência social, pois sou cobrada das duas formas: tenho que fazer planejamento pedagógico e apresentá-lo

semanalmente à coordenação, e tenho que fazer diariamente a reflexão do dia onde me cobram uma postura de assistente social. (2)

(...) cabe ao educador social ser a referência, e despertar a curiosidade pelo mundo, pela educação, só que para isso é necessário distanciar-se por alguns momentos e pensar em como oportunizar o acesso ao conhecimento, sua construção e recriação permanente envolvendo a realidade dos educandos, suas experiências, saberes e cultura, estabelecendo uma constante relação entre teoria e prática. (3)

Minha função é educar e educar-me na mobilização, organização, formação e potencialização de todos os envolvidos, possibilitando a intervenção e transformação da realidade. (3)

Neste trabalho olho para as representações procurando suspeitar delas. Entendo que esse exercício pode permitir construir outras relações com as aprendizagens na escola. Relações que questionem as fronteiras existentes, que duvidem da sua necessidade, que aproximem os conhecimentos culturais dos ditos escolares, mergulhando-os na cultura e atribuindo-lhes outros significados. (7)

Acreditar que a educação é de valor inestimável para as mudanças de uma sociedade... Contribui para a reconstrução e tomada de novas direções. (7)

E assim, minha trajetória tem sido baseada na busca constante de capacitação e reflexão diária sobre a prática. Acredito que o educador popular tem que ter o diferencial em seu trabalho, ter sensibilidade para perceber as necessidades dos educandos. É preciso ver além das atitudes, intervir no momento exato, saber ouvir e possibilitar a construção de relações saudáveis. (9)

Minha missão como educadora social não se contenta com intervenções paliativas. Uma qualificação constante é essencial para que as ações sejam realmente efetivas na vida das pessoas que estão sob minha responsabilidade. (9)

(...) é preciso uma educação efetiva que os preparem a serem protagonistas de suas próprias vidas. Uma educação não para o conformismo e sim para a autonomia frente aos conflitos da vida. (9)

Quatro anos se passaram (como educador social) e ainda estou lá de corpo e alma, buscando uma educação complementar diferente, interessante. (1)

Sei que é difícil, mas a cada dia somos surpreendidos com um brilho e um sorriso de uma criança e que naquele pequeno gesto nos mostra que o amanhã pode ser diferente. (1)

Muitas pessoas me perguntam o porquê de ser um professor militante? A resposta é simples, eu acho que muitos professores dão aula para si e não para os alunos, atitudes cabíveis ao mundo que vivemos – um mundo capitalista. (1)

Hoje me encontro na melhor fase da minha formação, gosto de aprender e dialogar em um movimento circular de micro e macro entendimento, acredito e amo o que faço, pois, entendo que a educação é um ato de amor na troca e construção de conhecimento, que está presente em todas as relações entre os seres e saberes e só através dela se dará a superação e igualdade entre os homens em busca de uma sociedade mais humanizada, sustentada pela equidade social. (10)

Estabelecer vínculo, com este público, requer do educador que ele não julgue seus valores adquiridos anteriormente, o trabalho começa com o respeito a diferença, partindo do diálogo e da realidade do Educando, para que ele perceba a importância dele na sociedade que ele sintasse um agente transformador, visando a autonomia para a cidadania.(3)

O vínculo é outro benefício que considero fundamental para o trabalho como educadora social. Neste processo o vínculo associa-se à questão de presença... pensando na educação não como transferência de informação, nem o conhecimento como aquisição de informação, mas como a possibilidade de construção com cada indivíduo. (4)

Vale acrescentar que a partir da observação de alguns trabalhos voltados à educação não formal, embora bem desenvolvidos, não encontram o reconhecimento social, perdendo seu

valor e continuidade em prol de uma reconstrução que vise a emancipação, autonomia e valorização de cada sujeito atendido... (10)

4.5 O desejo de ingressar no curso de Especialização de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade – FACED/UFRGS:

Acredito que uma oportunidade para participar desta especialização seria valiosa, e eu teria chance de dar continuidade a reciclagem e a aquisição de novos conhecimentos que estou tendo no curso de extensão. (2)

Proponho-me a fazer a especialização, Educação de Jovens e Adultos e Privados de Liberdade, por entender, que é fundamental aprofundar meus conhecimentos, sobre a temática para exercer cotidianamente meu trabalho como educadora social, fazendo uma dialética entre a teoria e a prática, (3)

Procuro constantemente, capacitar-me para auxiliar na minha prática profissional, para tanto este curso apresenta-me a possibilidade de conhecer teoria e prática do trabalho que faço com muito amor e disposição, mas que sinto falta da formação específica na área, muito importante para a realização de um trabalho pleno. (4)

(...) (O curso) contribuirá significativamente para que eu possa aprimorar a qualidade do trabalho desenvolvido, através do conhecimento acadêmico que irei adquirir se for selecionada neste processo seletivo. (5)

(...) para tornar-me um profissional qualificado para atender as necessidades e expectativas desses jovens aprendizes, e contribuir, também, na melhoria do sistema de educação pública. (6)

sei que é possível a mobilização e a reflexão da educação para construir novos significados, através de outros encontros, outras leituras, outras conversas e outros olhares. (7)

Espero desta especialização a oportunidade de qualificação da minha prática pedagógica e o caminho para encontrar as respostas para tantas questões vivenciadas. (9)

A partir desta realidade (da educação social) me sinto instigada na busca de uma teoria mais sólida, para isto, encontro respaldo e significativa contribuição no curso de especialização de jovens e adultos e Privados de Liberdade, realizando, desta maneira uma associação entre prática e teoria, acreditando que o mesmo me dará segurança e capacitação qualificada no desenvolvimento de minha atividade profissional. (10)

(...) para além de continuar me aperfeiçoando na educação social, também contribuir para elevação, fortalecimento e desenvolvimento do público atendido. (11)

5 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Em muitos dos memoriais analisados apareceram justificativas para a escolha da atuação na área da educação. É importante ressaltar que:

– Todas as educadoras pesquisadas através dos memoriais possuem graduação nesta área – licenciatura;

– Grande parte desses educadores estudou durante o ensino fundamental e médio em escolas da rede pública de ensino;

– Majoritariamente, concluíram sua graduação em universidade privada;

– Parte das educadoras relatou nos memoriais, terem tido dificuldades para concluir sua graduação por problemas financeiros.

Além dessas premissas, acho relevante citar que grande parte das educadoras justifica o seu ingresso em cursos de licenciatura a partir de anseios pessoais como a busca de perguntas pelas quais não tinham respostas, pelo desejo profissional de educar e pelo interesse nas “gentes” como diz uma educadora em seu memorial:

“Minha escolha de ser educadora está fortemente ligada às impossibilidades da vida... Pra mim viver é um constante acontecer... foram justamente os nãoos que me disseram e que ouvi dizerem às pessoas que convivi em minha vida que me deram a coragem e a ousadia necessárias para ser educadora. E foi neste paradoxo entre o que me disseram e o que escolhi que nasceu o gosto, o prazer pelas gentes...” (8)

A partir desses relatos acredito que a escolha pela área da educação está fortemente ligada à experiência destes educadores. Numa sociedade onde a educação é fortemente desvalorizada à medida que sofre com a falta de investimentos do estado, o educador é fortemente desmotivado antes mesmo de ingressar na profissão ou no curso de formação específica para sua área. A educação acaba por se caracterizar como a área menos nobre e menos “gratificante” economicamente, profissionalmente e socialmente diante das medidas (não) tomadas pelo estado em relação às prioridades de governo.

Ainda de acordo com as análises, grande parte dessas trabalhadoras-cursistas já atuava como educadora social antes ou durante a sua graduação. Penso que seja pertinente

destacar aqui uma educadora em especial que relata em seu memorial que sua formação se deu a partir da reunião e luta de educadores populares de uma comunidade de Porto Alegre que buscava promover a formação de seus educadores sociais através de convênios e parcerias com universidades privadas do município. Também destaco nas narrativas que muitos desses educadores afirmam ter procurado formação superior para que fosse possível uma maior compreensão dos problemas vividos pela população atendida.

Os demais educadores tiveram contato com a educação social durante a sua graduação através de cursos promovidos por instituições sociais ou até mesmo pela promoção de trabalho na área, onde não era necessária formação específica ou até mesmo já ter concluído a graduação.

Na análise dos memoriais descritivos, recortei algumas narrativas das trabalhadoras-cursistas em relação à sua profissão. Muitas dessas educadoras acreditam que o educador social é um militante, que trabalha na mobilização a fim de promover a mudança da realidade vivida por seus educandos. Acho importante colocar que de certa forma, à medida que ia lendo os memoriais, percebi que esses educadores procuram relatar que para ser educador social é necessária dedicação, “de corpo e alma” muitas vezes, como diz um trabalhador (1) em seu texto. Ao comparar essas concepções às relatadas em aula e registradas no diário de campo, percebi que, enquanto os memoriais apresentam grande exaltação à profissão, por estar trabalhando e ajudando pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade social, as narrativas em aula se debruçam mais em relatar os percalços e dificuldades enfrentadas na rotina de trabalho, de situações precárias de trabalho.

Outro ponto que destaco é que muitos desses são educadores formados em licenciaturas – onde pouco se discute sobre Educação Social; se consideram educadores populares – numa perspectiva Freireana; e, profissionalmente, são denominados educadores sociais. No meio dessas considerações, a identidade profissional dessas trabalhadoras se perde no sofrimento com a desconsideração e desvalorização do seu trabalho.

De acordo com os relatos dos memoriais e com os relatos em sala de aula, a maior parte dessas educadoras não possui estabilidade, licença de cunho pessoal e para formação continuada e em serviço, reposição salarial permanente, reajuste salarial associado a tempo de serviço e crescimento na formação profissional, indicando uma situação precária de trabalho.

Considerando a Educação Social como forma de atendimento aos sujeitos que tem

seus direitos violados, e constatando também a violação dos direitos desses trabalhadores da Educação Social à medida que, cada vez mais, as políticas sociais são executadas com o fundo público sob gestão privada Fonseca (2010) afirma que:

Embora execute políticas para o público, ingressa sem concurso e formação básica definida, não possui plano de cargos e salários e outros direitos conquistados nas lutas da categoria de servidores públicos. Uma situação tão débil que, não raramente, a temporalidade do trabalho é menos do que o tempo de execução dessas políticas focais, fragilidade que afirmamos incompatível com a condição de quem trabalha com um público cujo descriptor é a situação de vulnerabilidade pessoal e/ou social. “Em definitivo, a precária situação de trabalho desse sujeito coloca-o, também, em vulnerabilidade social.” (FONSECA, 2010, p.59)

Importante explicitar que, de acordo com o diário de campo, à medida que se discutia em sala de aula sobre a situação desses trabalhadores eles pareciam refletir sobre sua situação. Acredito que essa reflexão seja fundamental para a construção da identidade não só profissional, mas que esteja contribuindo também para ajudar a se situarem socialmente e politicamente na sociedade. É fundamental ressaltar que essas educadoras sentem falta de uma formação específica e qualificada em suas práticas e buscam, através do curso de especialização, entender melhor o seu papel e compreender sua identidade profissional a fim de poder proporcionar um atendimento de qualidade aos sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

6 CONSIDERAÇÕES

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA, 1997)

Dar significados às experiências através da reconstrução da trajetória percorrida. Isto sem dúvida foi algo que me motivou a pensar na construção desta pesquisa, que espero, possa contribuir para o reconhecimento da educação social, através da valorização das narrativas e experiências das educadoras sociais.

Neste capítulo de considerações – posso dizer que iniciais – deste trabalho de conclusão de curso, vou procurar, assim como as trabalhadoras-cursistas através de seus memoriais descritivos, retomar minha trajetória e experiências durante minha graduação no curso de Pedagogia.

Entrei no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no segundo semestre do ano de 2007. Ao ingressar no curso não tinha intenção de trabalhar como professora, na verdade não sabia ao certo que intenções me levaram à optar pela área da educação, mas decidi por cursar e descobrir. No segundo semestre da faculdade fui convidada para trabalhar como estagiária em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Porto Alegre, por acreditar que se fazia necessária certa experiência na área. Aceitei e comecei o estágio permanecendo na escola durante dois anos.

Esta minha primeira experiência foi fundamental para a construção de minha identidade como educadora. Nesta escola as gestoras eram envolvidas diretamente com o sindicato dos professores do município e engajadas com o trabalho como educadoras acreditando que o seu trabalho dentro da escola com as crianças tinha repercussão e influência direta e indiretamente nas famílias e na comunidade onde a escola estava inserida. A partir dessas experiências passei a acreditar que a educação ia muito além de conteúdos, passei a acreditar que a educação era social à medida que esta era a ferramenta principal e essencial para a mudança da sociedade.

Após dois anos de estágio na educação pública, fui selecionada para estagiar em uma escola privada na área da educação infantil onde pouco tempo atuei. Neste período comecei a me questionar se realmente gostaria de estar no curso de Pedagogia. À medida que as cadeiras do curso ficavam mais específicas às áreas de atuação eu ficava mais indecisa, pois tinha somente experiência em educação infantil e já estava saturada de trabalhar nesta área.

Mesmo em crise decidi por terminar a graduação, mas não trabalharia mais em escolas. Foi então que uma colega me indicou para uma bolsa de monitoria na especialização com a professora Laura Fonseca. Onde eu seria monitora de uma turma de especialização e participaria do grupo de pesquisa da professora.

Ao iniciar a bolsa passei a frequentar as reuniões do grupo de pesquisa de trabalho e formação humana, coordenado pela professora Laura e as aulas da especialização de jovens e adultos e Privados de Liberdade – FACED/UFRGS, como monitora.

As contribuições das discussões do grupo e das discussões em aula foram inúmeras para minha formação. A partir destas experiências passei a refletir e compreender melhor processos políticos e sociais que permeiam minha formação e minhas práticas pedagógicas e sociais. Essa formação política e social que sentia falta durante todo o curso me ajudou a acreditar na luta e possibilidade de uma educação pública e de qualidade.

Relato aqui uma experiência marcante que tive durante uma disciplina de prática docente durante o curso e enquanto eu atuava na monitoria da especialização. Minha prática seria em uma semana e o planejamento pedagógico para cinco dias já estava pronto e tinha como tema a reciclagem. Na semana anterior à semana de prática pedagógica, em uma das aulas de EJA e o Mundo do Trabalho a professora Laura Fonseca passou o filme A história das coisas para a turma de especialização e trouxe como proposta a discussão do que o filme trazia. O filme retrata a situação dos países industrializados que, para manter o sistema capitalista aceso, implanta a política do consumo, dos gastos desnecessários, onde, numa lógica perversa e cruel, se utiliza de métodos exploratórios, desrespeitando as sociedades, culturas e o meio ambiente, com o propósito de manter ativa a indústria e a sociedade consumidora. Algo durante a aula me chamou atenção, de acordo com o filme, ficou claro para mim que os maiores responsáveis pela poluição e degradação da natureza eram as

empresas. Então, a partir dessa discussão que o filme traz, meu planejamento, poucos dias antes de ser levado à prática, acabou por ser contestado. Comecei a refletir sobre meus objetivos e sobre minha prática. Que sentido faria pensar em um planejamento voltado a educação ambiental sem antes pensar em trabalhar e discutir com os educandos sobre consumismo e conformismo? Estaria eu me conformando com essa lógica destrutiva do capital ao apenas empurrar um projeto de reciclagem, que alias as escolas já estão saturadas? Ou pior, estaria eu afirmando ou concordando com tal lógica?

Em minha opinião, a prática em questão acabou dando certo e minha experiência como bolsista de monitoria me ajudou a repensar e refletir minhas práticas docentes e pedagógicas. Penso que, de acordo com os depoimentos durante as aulas, o curso de especialização também possibilitou que as trabalhadoras-cursistas refletissem e repensassem da mesma forma as suas práticas.

Acredito que o marco de minha trajetória seja este trabalho, que é resultado da minha experiência como monitora e bolsista. Experiência que representa parte significativa e fundamental em minha formação acadêmica. Esta pesquisa

7 REFERÊNCIAS

CARVALHO, Josué de Oliveira. CARVALHO, Lindalva R. S. O. **A educação social no Brasil: contribuições para o debate.** An. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006.

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. CFESS.

Disponível em: http://www.cfess.org.br/estrutura_frentes.php

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Rev. Fac. Educ. v. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dez. 1997

FONSECA, Laura Souza. **Formação de Educadores Sociais: anotações preliminares.** In. FISS, Dóris Maria Luzardi; FONSECA, Laura Souza; TACHETTO, Leonidas Roberto; HOPPE, Martha Marlene Wankler (orgs.). *Identidades Docentes I.* Rio de Janeiro, 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

MAZOTTI, Alda Judith Alves. **Usos e abusos dos estudos de caso.** Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 129, set./dez. 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1993.

PONTE, João Pedro da. **O Estudo de Caso na investigação em educação matemática.** Revista Quadrante n° 3, 1994.

RIBEIRO, Marlene. **Exclusão e Educação Social: conceitos em superfície e fundo.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 155-178, jan./abr. 2006

RIBEIRO, Marlene. **Uma educação Social faz sentido? Alguns apontamentos.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramse/argos/2004/06/uma-educa-brasil-16-de-abril-de-2004.html>. Acessado em 13/07/2012.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução á pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso – planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **Pedagogia e a pedagogia social: educação não formal**.

Disponível na internet:

<http://www.boaula.com.br/iolanda/producao/me/pubonline/evelcy17art.html>. Acessado em 12/07/2012.

OLIVEIRA, Anna C.; HADDAD, Sérgio. **As organizações da sociedade civil e as ONGs de educação**. Cadernos de Pesquisa, n.112, mar. 2001, p. 61-87.